



AS CARNES NAS PALAVRAS: A COBERTURA JORNALÍSTICA DOS CASOS JOHNATHANN KISS (2000), GISBERTA SALCE (2006) E DANDARA KETLEY (2017)

Autor: Luan Silva de Luna¹

Orientadora: Jane D. Semeão e Silva²

Resumo: A lgbtfobia, sendo culturalmente perpetrada, está presente no cotidiano social. O jornalismo desempenha um papel especialmente relevante na formação de opinião popular. Assim, quando se analisa a produção jornalística em torno da cobertura de assassinatos de pessoas lgbtqiapn+, nos colocamos diante de um mecanismo que incorpora uma ordem cultural em funcionamento. O objetivo deste trabalho está, portanto, em analisar a produção noticiosa em torno dos casos Johnatthann Kiss (Juazeiro do Norte, 2000), Gisberta Salce (Cidade do Porto, 2006) e Dandara Ketley (Fortaleza, 2017) e pensar nas congruências, principalmente no tocante à perpetração de violências às comunidades dissidentes de gênero, na produção jornalística. Usamos para isso os métodos quantitativo e qualitativo a partir de coleta e análise de manchetes sobre os casos citados acima, tanto em mídia impressa como digital, articulando a essa proposta os apontamentos do historiador Durval Muniz em seu livro *A pele da História: Corpo, tempo e escrita historiográfica* (2025). Observamos que as continuidades de violências, como a reiteração da antiga identidade de gênero da vítima, é uma prática presente nessas coberturas.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+. Lgbtfobia. Gênero. Jornalismo.

¹ Estudante de História pela Universidade Regional do Cariri e autor do trabalho, E-mail: luan.luna@urca.br.

² Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri e orientadora do trabalho, E-mail: jane.semeao@urca.br

1. INTRODUÇÃO

Gisberta Salce, Johnatthann Kiss, Dandara Ketley. 3 nomes, 3 lugares e 3 tempos ligados pela mesma violência lgbtfóbica. Os três nomes que abrem esse trabalho são de pessoas que têm em comum uma identidade “queer” e um fim brutal para suas vidas. Gisberta e Dandara, travestis, e Johnatthann, alguém que expressava sua identidade de gênero sem amarrar-se a imposições. Três personagens que, ao ultrapassarem o limite culturalmente compreendido entre o que se pode e o que se deve ser, tiveram suas vidas interrompidas.

Sendo culturalmente perpetrada, a lgbtfobia está presente no cotidiano social. O jornalismo desempenha, desse modo, um papel especialmente relevante, uma vez que “muito mais que um espelho da realidade, [...] é ferramenta de construção de saberes que, dado seus atributos de credibilidade, são vistos na sociedade como ‘verdades’ (BONOTTO, STORCH, 2014, p.2)”. Assim, quando se analisa a produção jornalística em torno da cobertura de assassinatos de pessoas lgbtqiapn+, nos colocamos diante de uma ferramenta que se vincula a uma ordem cultural maior.

Dessa forma, temos como objetivo, neste trabalho de TCC, analisar a produção noticiosa em torno dos casos Johnatthann Kiss (Juazeiro do Norte, 2000), Gisberta Salce (Cidade do Porto, 2006) e Dandara Ketley (Fortaleza, 2017) e pensar nas congruências quanto a essa cobertura. Usamos para isso os métodos quantitativo e qualitativo a partir de coleta e análise de manchetes de mídia impressa e digital sobre os casos, articulando a essa proposta os apontamentos do historiador Durval Muniz em seu livro *A pele da História: Corpo, tempo e escrita historiográfica* (2025).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizamos os métodos de análise quantitativo e qualitativo a partir de apanhado de manchetes que tratam dos assassinatos à época em que ocorreram: Jhonathann Kiss, no Jornal do Cariri, impresso de circulação diária à época e que criou um selo especial para tratar do crime³; Gisberta Salce, nos Jornais Notícias e Público, ambos portugueses,⁴ e Dandara Ketley, a partir de notícias

³ O acesso a esse material se deu através do contato com Tiago Coutinho, professor do curso de Jornalismo da UFCA, que desenvolveu uma pesquisa em torno da biografia de Jhonathann Kiss culminando, posteriormente, no podcast “Beijos para Johnathann”, produto educativo produzido em parceria com o laboratório de jornalismo “Na Mídia”, através do qual conheci o caso. Ficam aqui registrados os agradecimentos pela generosidade do professor em partilhar esse material, assim como a todos os envolvidos na pesquisa.

⁴ Utilizamos recorte feito a partir da dissertação de Rodriguez (2021).

veiculadas no Diário do Nordeste, G1 e O Povo coletadas no Google. No momento atual da pesquisa, estamos realizando a análise crítica do material coletado, observando como essas notícias expressam o contexto social e histórico em que foram produzidas e os avanços daquele momento no tocante às pautas lgbtqiapn+. A tabulação do material foi feita com ajuda da plataforma Microsoft Access. Foram coletadas, ao todo, 55 manchetes.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Algo muito recorrente nas notícias é o uso do tratamento no masculino. Na amostragem captada dos casos Gisberta e Dandara, isso acontece com frequência e há um reforço de forma imagética. A notícia do G1 de 07/03/2017⁵ anexa uma reportagem exibida no telejornal CE TV1, em que a mãe de Dandara aparece segurando uma foto da filha antes da transição e se referindo a ela como “ele”. No início da manchete, essa mesma foto aparece em tela cheia, estando registrada também no corpo da notícia. A deslegitimação da identidade de gênero de pessoas travestis é reforçada pela mídia quando vincula imagens da pessoa antes da transição de gênero. Nas notícias veiculadas sobre o caso Gisberta, ela também é constantemente tratada no masculino.

Um exemplo da marginalização da travestilidade pode ser vista no relato do representante da Associação Panteras Rosa, em notícia veiculada pelo Jornal de Notícias em 24/02/2006⁶. Nela, o representante do movimento de defesa de pessoas lgbtqiapn+ registra que Gisberta não era travesti, mas transsexual. Aqui, entre outras possíveis interpretações dessa fala, podemos entendê-la como uma tentativa do representante de tirar Gisberta da categoria travesti, reforçando, mesmo que de forma inconsciente, o estigma sobre ela, ou uma tentativa de tirar a associação à vulnerabilidade social ligada ao termo e romper com o limite higiênico colocado sobre “transgênero”, expressando que ambas as identidades estão sujeitas a discriminações.

Pela manchete da mesma notícia, Gisberta é taxada de “sem abrigo”, o que coloca a real motivação da morte em segundo plano. No corpo da notícia, ao se referirem a ela, usa-se o nome masculino. O uso do nome morto para identificar a vítima nas notícias coaduna com o que dizem Grubba e Porto (2022), que afirmam que

⁵ Link da notícia: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html> . Publicado em: 07/03/2017. Acesso em: 24/05/2026.

⁶ Link da notícia: <https://www.jn.pt/arquivo/artigo/vigilia-de-repudio-contra-a-morte-de-sem-abrigo/538511> publicado em: 24/02/2006. Acesso em: 25/05/2026.

“a violência contra mulheres trans e travestis, quando noticiada pela mídia, muitas vezes não faz constar o nome social escolhido pela vítima (p.431)”, reforçando a banalização e integrando este fato a uma rede de omissões, inclusive estatais, ligadas a essa classe.

Nas notícias veiculadas sobre o caso Johnathann Kiss no Jornal do Cariri, pouco se fala sobre sua homossexualidade. O fato mais expressivo se trata de sua atuação como promotor de eventos. Esse movimento, como nos outros casos, pode contribuir com a atenuação do crime homofóbico. No entanto, um texto de Cláudia Rejane, à época, estudante e contribuidora do Jornal do Cariri, intitulado “Homofobia” e publicado em 24/09/2000, quebra esse ciclo por priorizar o debate sobre o preconceito contra homossexuais, apontando outros casos de violência desse tipo com vítimas fatais e discutindo ainda o uso de terminologias como "orientação sexual".⁷

É importante observar ainda que as vítimas são colocadas em segundo plano em alguns momentos da cobertura, apontamento assistido especialmente na cobertura do caso Gisberta. Em notícia publicada no Jornal de Notícias em 04/07/2006⁸, intitulada “Não quiseram matar mas assumem divertimento”, os jovens dizem, expressamente, que buscavam se divertir com as violências perpetradas contra Gisberta. Considera-se pensar, nesse caso, sobre a forma como corpos trans e as violências contra eles são entendidas sócio e culturalmente, além de a manchete direcionar para uma tentativa de abrandamento do ocorrido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto e os seus apontamentos fazem parte do projeto de pesquisa de conclusão de curso em andamento no curso de História da URCA, e tudo aqui analisado é preliminar, já que estamos no início deste estudo. Ter acesso a esse objeto e a essas pessoas se torna um exercício de reflexão sobre a forma como são vistas dentro de corpos sociais maiores. Observamos que as continuidades de violências, como a reiteração da antiga identidade de gênero da vítima, é uma prática presente nessas coberturas que reflete algo culturalmente comum.

⁷ As notícias referentes ao caso Jhonattan fazem parte do acervo do professor Tiago Coutinho e não estão disponíveis na web, por isso não aparecem linkadas aqui.

⁸ Link da notícia: <https://www.jn.pt/arquivo/artigo/nao-quiseram-matar-mas-assumem-divertimento/558578>. Publicado em: 04/07/2006. Acesso em: 25/05/2026.

Da mesma maneira, coloca-se para nós o desafio de fugir de uma historiografia que se prende a dualismos, como afirmado por Durval Muniz (2025), e olhar essas carnes com olhos sensíveis. Ainda tomando as palavras do historiador, “Como dar conta de um ser [...] que desliza e desliga os códigos de partição e oposição que costumam estruturar nossas formas de ver e dizer o mundo? (p.317)”. Esperamos contribuir, neste trabalho, a partir da operação não de uma língua de madeira, mas de uma língua de carne e poesia, como citado pelo autor, “para que não continuemos afogando gente [...] no poço sem fundo do silêncio e do esquecimento (p.316)”.

AGRADECIMENTOS

À professora Jane Semeão, orientadora deste trabalho, por indicar caminhos possíveis. Aos professores Tiago Coutinho (UFCA) e Cícero Leandro da Silva Batista, pelas produções sobre a vida de Johnathann Kiss e por serem solícitos ao debate.

REFERÊNCIAS

- BONOTO, Carolina. STORCH, Laura. **Jornalismo e construções identitárias**: as representações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no discurso jornalístico do Correio do Povo. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Palhoça, SC, 2014. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1473-1.pdf> . Acesso em: 10/07/2026
- GRUBBA, Leilane Serratine. PORTO, Amanda Brum. Sociedade da (des)informação: a omissão do Brasil sobre mortes trans e travestis Título do artigo. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, vol.14, nº3, p. 428-452, setembro-dezembro de 2022.
- JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Com sedas matei, com ferros morri**: Que nomes podem ter certas carnes e certos corpos na língua de madeira da historiografia acadêmica? In: JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **A pele da História**: Corpo, tempo e escrita historiográfica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025, p.307-327.
- RODRIGUEZ, Leiliane Menezes. Jornalismo e transexualidade: A construção da personagem Gisberta na mídia portuguesa. Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/134759/3/482281.1.pdf> . Acesso em: 10/07/2026.